
Entrevistado/a: Graciéla Maria Figueiredo

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio de 2025

Local: EMEF Professora Maria Gusmão Brito (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

Graciéla Maria Figueiredo, tem 61 anos, é pedagoga e atua há 45 anos na rede municipal de ensino de São Leopoldo, sendo 32 deles vinculada à EMEF Professora Maria Gusmão Brito. Desde 1993 na instituição, exerce atualmente a função de supervisora escolar, acumulando experiência na gestão pedagógica e no acompanhamento das famílias e estudantes.

A ocupação inicial da escola para abrigo e apoio

A entrevistada relata que a transformação da escola em abrigo ocorreu de forma emergencial, a partir do avanço rápido das águas nas imediações da BR-116 e em bairros próximos, como o entorno da Escola Irmão Weibert e a região central da cidade. Durante a madrugada, Graciéla, juntamente com a diretora e familiares, abriu a escola para receber as primeiras famílias, muitas delas resgatadas pelo Exército. As pessoas chegavam em situação de extremo desgaste físico e emocional, apenas com a roupa do corpo e acompanhadas de seus animais de estimação. No primeiro momento, sem infraestrutura adequada, as salas de aula foram utilizadas como espaços de acolhimento.

A atuação voluntária

Graciéla atuou de forma intensa e contínua na organização do abrigo, colaborando no registro das famílias, no acolhimento direto das pessoas e na

mediação de situações de fragilidade. Destaca que, além das funções administrativas, a equipe gestora e os professores assumiram um papel de escuta sensível, muitas vezes atuando como apoio diante do sofrimento vivenciado pelos abrigados. A atuação foi marcada pela mobilização voluntária, sem planejamento prévio, construída a partir da solidariedade e do engajamento coletivo.

A reconfiguração da escola em abrigo

A escola foi gradualmente reorganizada para atender às múltiplas demandas do abrigo. Além do acolhimento de famílias, o espaço passou a funcionar como centro de distribuição de doações, recebendo alimentos, roupas, produtos de higiene e outros itens. A entrevistada destaca a realização de atividades culturais, recreativas e de acolhimento, especialmente voltadas às crianças e às mães, como celebrações do Dia das Mães, apresentações musicais, atividades artísticas e momentos de convivência coletiva.

A condução pedagógica e os desafios vivenciados

Durante o período em que a escola funcionou como abrigo, as aulas foram suspensas e posteriormente reorganizadas, com recuperação dos dias letivos ao longo do ano, inclusive durante o período de recesso. Graciéla destaca que famílias de estudantes da escola foram atingidas pela enchente. Entre os maiores desafios enfrentados, a entrevistada aponta o atendimento a pessoas em profundo sofrimento emocional, situações de adoecimento, necessidade de encaminhamentos médicos e episódios sensíveis, como casos de abuso, que exigiram articulação com redes de proteção e apoio especializado.

Aprendizados e percepção sobre a experiência

Ao refletir sobre a experiência, Graciéla enfatiza que a vivência da escola como abrigo reforçou valores fundamentais como empatia, solidariedade e escuta ativa. Destaca que, para além da oferta de alimentos e bens materiais, o acolhimento humano e a possibilidade de serem ouvidas foram centrais para as pessoas abrigadas. A entrevistada ressalta que a experiência impactou profundamente a comunidade escolar, fortalecendo vínculos e ampliando a compreensão sobre o papel social da escola.